

Emprego no Brasil e nos Estados Unidos

Tanto o Brasil como os Estados Unidos fazem duas medições importantes para sondar o mercado de trabalho. Uma delas é a coleta de dados junto às empresas para acompanhar a evolução do emprego. Outra é junto aos domicílios para acompanhar a evolução do desemprego.

Os dois países estão mostrando a mesma tendência - para muitos, paradoxal: o desemprego cai sem que o emprego aumente. Nos dois casos, a explicação vem do fato de haver menos pessoas em condições ou interessadas em trabalhar. De um lado, estão as razões demográficas, pois nos dois países a população está crescendo mais lentamente. De outro, operam as razões sociais na medida em que na presença de empregos pouco atraentes ou de programas de apoio bastante atraentes, menos pessoas desejam se engajar em atividades produtivas.

Nos Estados Unidos, o mercado de trabalho teve a criação de apenas 74 mil postos de trabalho e a saída de 347 mil pessoas do mercado de trabalho em dezembro de 2013, tendo uma taxa de desemprego de apenas 6,6% - recorde de baixa nos últimos cinco anos. Ao longo do ano, a economia americana criou uma média mensal de 193 mil empregos. A força de trabalho encolheu de 600 mil trabalhadores. Cerca de 76% dos que saíram da força de trabalho são pessoas de 55 anos ou mais que não querem mais trabalhar. Mas, o fenômeno atinge também os mais jovens. Só em 2013, 90 mil trabalhadores com menos de 55 anos desistiram do trabalho.

No Brasil, 2013 foi um ano de desaceleração do emprego. Os dados mostraram que, ao longo do ano, o Brasil gerou 14% menos empregos que em 2012 e, mesmo assim, a taxa de desemprego baixou para 5%. O fenômeno foi o mesmo. Menos pessoas estão em

condições ou interessadas em trabalhar.

Nos Estados Unidos, na década de 60, a taxa de participação no mercado de trabalho era de 67,3%. Hoje, voltou aos 62,8%. No Brasil, essa taxa caiu de ...% para ...%.